

ESCRITA E (RE) ESCRITA: UMA POSSIBILIDADE METODOLÓGICA DE MEDIAÇÃO EM EAD

NOGUEIRA, Maria das Graças Fernandes¹

RESUMO

ESSE trabalho tem como objetivo apresentar e refletir acerca da metodologia da escrita e reescrita, desenvolvida no contexto de um curso a distância de formação de professores da educação básica. Trata-se de uma atividade fundamentada em concepções apresentadas por teóricos alinhados com a perspectiva histórico-cultural e que visa abrir possibilidades ao cursista/docente de articular o seu conhecimento prático com o conhecimento teórico obtido no decorrer do curso.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita. (Re) Escrita. Alfabetização. Letramento. EAD

1 INTRODUÇÃO

A história da leitura confunde-se com a história da escrita. Por isso, nesse artigo me proponho a abordar alguns aspectos da escrita que se relacionam diretamente ao trabalho de formação de leitores e da escrita mediada pelos recursos da tecnologia. Meu objeto de análise será uma produção realizada por uma estudante/docente que atua em escolas do Campo em classes multisseriadas participante do “*Curso de Aperfeiçoamento em Educação do Campo: princípios e práticas*”, no qual atuei como tutora. Esse Curso foi oferecido pelo EduCampo FaE/UFMG - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e o Centro de Apoio à Educação a Distância – CAED/UFMG. O curso constituiu uma dessas iniciativas e seu resultado sinalizou para possibilidades de implementações e ações diferenciadas para esse segmento (BRASIL, 2010). É, pois, sobre essa atividade que esse artigo irá versar.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA METODOLOGIA PROPOSTA

No percurso da ação educativa e no papel do educador, encontra-se uma das premissas básicas das vertentes construtivista e histórico-cultural em educação,

¹ Mestre em Estudos Literários pela FALE/UFMG. Tutora no curso de Pedagogia a Distância da Faculdade de Educação Universidade Federal de Minas Gerais.

representada especialmente pelos conceitos de interação e mediação. Nessas abordagens, o conhecimento é algo construído a partir da interação que se estabelece entre sujeito e objeto (no sentido amplo, tanto físico quanto social)²

Neste movimento do fazer e do refletir sobre o fazer, pode se recuperar como reflexão, novamente o pensamento de Paulo Freire (1985) que diz que “a leitura da palavra precedeu a leitura do mundo”³. Como um trocadilho, este movimento e o pensamento de Freire, aparecem tanto na experiência da cursista/docente em sua produção textual (que parte de sua própria experiência, associada aos conhecimentos adquiridos para narrar sua intervenção com seu grupo de estudantes), quanto permeia, também, as atividades realizadas por seus alunos, sob sua orientação.

3 A ESCRITA EM PROCESSO: O EXERCÍCIO DA PACIÊNCIA

O caso intitulado “*Projeto Horta*”, narrado por uma cursista que, na ocasião, atuava numa escola rural em classe multisseriada, chamou a atenção da tutoria, primeiramente, por sua simplicidade, já que a horta é uma atividade comum na zona rural. No entanto, numa leitura mais atenta, foi-se evidenciando a rica apropriação que a cursista/educadora fez da ideia - aparentemente simples - do plantio de uma horta, transformando-a em recurso didático que contribuiu consideravelmente para o seu trabalho de alfabetizar, letrar e socializar um grupo de alunos já rotulados de *difíceis e complicados*. Por fim, observou-se que a própria composição textual da cursista/ “docente”/educadora realizou-se tal qual no seu projeto “*Horta*”. Ou seja, surgiu enquanto ideia-sementinha com apenas um parágrafo na sua primeira versão, e, a partir de intervenções da professora-tutora e de ganhos no

² No entanto, não é uma interação pura e simples, exclusivamente binária . É preciso que haja uma interação entre a mente e o corpo, entre a razão e a emoção, entre um *eu* e um *nós* ou entre o *eu* e o *outro*. Tudo isso precisa interagir, também, com a complexa realidade onde se encontra o sujeito, dada a impossibilidade de se ensinar qualquer conteúdo de forma descontextualizada, sem que se considere a dimensão social, o espaço/tempo histórico em que esse conteúdo foi produzido (FREIRE, 2007; VIGOTSKY,1998).

³ Segundo esse autor, a leitura do mundo é tudo aquilo que tem significado para a pessoa. São os olhares, os cheiros, os toques, os gostos, os saberes que temos e acumulamos na nossa vivência diária. Assim sendo, a leitura da palavra só ganha significado se ela vier intrinsecamente apreendida com a leitura de mundo do educando e socializada com o coletivo da turma, para que vivenciadas as diferenças, aconteçam as internalizações e acomodação da aprendizagem (PIAGET, 1976).

conhecimento adquiridos no decorrer do curso, germinou, cresceu, transformou-se no trabalho de final de curso e em objeto de análise nesse texto.

Ao receber aquele “um parágrafo”, com uma ideia viável embora muito resumida, a tutoria começou também o seu trabalho de orientação e intervenção, e, através da ferramenta de revisão do *Word*, fez as primeiras marcações no texto da estudante. Foi sugerido a cursista/estudante que identificasse a escola onde desenvolveu a atividade, que explicitasse melhor as características do grupo de alunos e que detalhasse as atividades desenvolvidas com o grupo, para que pudéssemos compreender melhor o processo e orientá-la na execução da tarefa.

Ao final das atividades deste “*Projeto Horta*”, numa breve avaliação da cursista/docente, ela detecta e revela grandes avanços no processo de formação do grupo de estudantes. Os progressos se mostram nos processos de aquisição e uso da linguagem oral e escrita, na socialização e também em vários outros aspectos, como aponta seu relatório final: [...] Todos os dias, pela manhã, os alunos regavam a horta para melhorar o desenvolvimento das plantas. Fizemos produções de textos, relatórios, caça-palavras, produção de frases e outras atividades, todas relacionadas à horta (CORREA, 2011, p.5).

É importante ressaltar, ainda, que o compartilhamento destes relatos, ou melhor, dessas experiências recontadas, foi enriquecedor tanto para o grupo de cursistas, quanto para a professora tutora, que acompanhou o desenrolar do trabalho desde o seu início atuando como mediadora *on-line* no processo de produção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dos relatos produzidos pelas cursistas/educadoras de Conceição do Mato Dentro permitiu-nos refletir sobre o valor desse instrumento enquanto recurso da prática docente e, em especial, no âmbito da educação do campo. Permitiu-nos, ainda, verificar de que maneira o trabalho com os casos educativos pode contribuir tanto para manter vivas as tradições regionais, valorizando-as e fazendo o resgate de tradições e histórias das pessoas que vivem no campo. Além disso, o trabalho com os casos mostrou a importância de se trabalhar o exercício da oralidade, da leitura e da escrita do professor que atua em classes multisseriadas.

O terceiro momento, o da avaliação, foi um dos mais produtivos do curso por permitir uma avaliação/reflexão ampliada de três momentos da prática. As cursistas elaboraram depoimentos sobre a formação recebida por elas, nos primeiros anos de escolarização, os modos de ensinar e aprender da época, a metodologia com as quais seus primeiros educadores trabalharam. Simultaneamente, foi-se construindo uma reflexão sobre suas próprias práticas, e também sobre os conteúdos apresentados no curso. Isto, por sua vez, permitiu-lhes listar as necessidades de seus espaços e mapear aspectos importantes do curso e que poderiam contribuir para melhorar o trabalho de cada uma. De acordo com o relato escolhido para ilustrar esse artigo, pode-se inferir que a metodologia do caso educativo pode se constituir numa aliada do professor no processo educacional coerente com essa perspectiva,

[...] com a experiência que já possuo aliada a toda aprendizagem adquirida durante este curso, situações como esta relatada acima serão realizadas com maior autonomia e confiança, gerando uma aprendizagem efetiva por parte de alunos e professores. Desta forma a prática complementar a teoria (CORREA, 2011, p.6).

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura/SECAD/UAB – *Educação para a diversidade* -, Projeto de Curso de Aperfeiçoamento da modalidade de educação a distância: “Educação do campo: princípios e práticas”, 2010.

CORRÊA, D.C., *Projeto Horta*, Trabalho de conclusão do Curso de Aperfeiçoamento em Educação do Campo: princípios e práticas educativas, Itabira, fevereiro/2011.

FREIRE, P. Entrevista. *Presença Pedagógica*, v.13, n.75, mai.- jun./2007, p. 5-13.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. In _____ Col. Polêmicas do Nosso tempo, Editora Cortez, São Paulo, 1985.

PIAGET, J. *A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

TEBEROSKY, A. e COLOMER, T. *Aprender a ler e escrever – uma proposta construtivista*. Porto Alegre: artmed, 2002.

VIGOSTKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.